

HUMOR COMO CONTESTAÇÃO: A DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS PRECONCEITUOSOS DA MULHER NOS VÍDEOS DO CANAL PORTA DOS FUNDOS

Mariana Correa Hoefel¹

Luiz Rogério Camargo²

RESUMO

Muito ainda se pode debater acerca do papel da mulher na sociedade do século XXI, bem como a carga histórica que permeia a sua relação com a sociedade em que vive. O humor pode tanto ter um papel de propagação de comportamentos opressores e discriminatórios, como também pode auxiliar na quebra desses estereótipos negativos, dando voz às dificuldades vividas pela mulher na sociedade do século XXI. Neste artigo, apresentamos a história do humor e o seu papel atual na propagação de ideologias e estereótipos, discutimos o estereótipo feminino e a forma como ele é apresentado e contestado nos vídeos do canal *Porta dos Fundos*. Para tanto, dois vídeos foram analisados criteriosamente, apresentando minuciosamente os temas propostos pelo canal para discussão, como a liberdade sexual, a cultura do estupro e a objetificação da mulher. Esta pesquisa tem como intuito iniciar um debate acerca do papel feminino na sociedade do século XXI e quem sabe inspirar trabalhos futuros que analisarão a abordagem desse estereótipo em outros canais humorísticos.

Palavras-chave: Mulher. Porta dos Fundos. Estereótipo Feminino. Humor.

¹ Aluna do 3º período do curso de Letras – Português/Inglês da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio a Iniciação Científica (PAIC 2016-2017). *E-mail*: marianabucaneve@gmail.com

² Mestre em Letras pela UFPR. Professor da FAE Centro Universitário. *E-mail*: luiz.camargo@fae.com.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a forma como o canal humorístico *Porta dos Fundos* faz uso do humor para criticar a sociedade e os estereótipos femininos preconceituosos. Para tanto, propomos fazer uma breve recapitulação do humor como instrumento de crítica social, para, assim, compreender a abordagem dos vídeos do canal e identificar em que medida a proposta dos esquetes, de fato, quebra o estereótipo, e não o afirma e propaga.

O canal *Porta dos Fundos* foi criado em 2012 por Antonio Tabet (ator, roteirista e também criador do blog humorístico Kibe Loco), Fábio Porchat (ator e roteirista), Gregório Duvivier (ator e roteirista), Ian SBF (diretor, editor e roteirista) e João Vicente de Carvalho (diretor comercial e ator). Em quatro anos, o canal (vinculado ao site YouTube) teve mais de 2 bilhões de visualizações e tem quase 12 milhões de assinantes, o que o torna um dos mais proeminentes canais humorísticos da atualidade.

Abordando temas cotidianos em vídeos semanais, o *Porta dos Fundos* tem como proposta retratar temas do cotidiano pelo viés humorístico, com um *quê* de crônica à la Luís Fernando Veríssimo, tratando de temas variados, como a relação entre o homem e a mulher em diversos cenários da vida, religião e política. Em geral, o canal propõe uma ampliação das características relacionadas ao papel social de seus personagens, que, ao atuar em situações bastante comuns, exibem de forma ampliada os aspectos negativos dos estereótipos a fim de quebrar clichês que reforçam o preconceito, nas mais diversas instâncias. Assim, o canal questiona, desconstrói e problematiza certas noções preconceituosas e estereotipadas já cristalizadas pelo coletivo.

Levando em consideração o alcance de cada vídeo publicado pelo grupo, torna-se importante compreender a forma como a construção deste discurso humorístico atua como instrumento de crítica social, bem como o que é, essencialmente, criticado.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quando buscamos compreender o humor e suas definições, logo notamos a conotação negativa que a maioria dos filósofos atribui ao termo. Desde a Grécia antiga até o século XX, boa parte dos comentários filosóficos sobre o riso e o humor consideram os como escárnio ou zombaria, ou como uma forma de domínio das pessoas, em vez de tê-los como sagacidade ou brincadeira.

Considerado o primeiro teórico do humor, Platão, em sua obra *A República*, apresentou o humor como uma emoção que substitui o autocontrole racional, e o riso

como algo que afasta o homem da verdadeira sabedoria, algo malicioso. Portanto, para o filósofo, o discurso satírico consiste num sentimento dúbio de prazer e de dor, tornando moralmente condenável tanto o que é risível como aquele ri (PLATÃO, 2007, p. 77). Dessa forma, Platão é um dos primeiros pensadores a atribuir um teor ético ao humor na medida em que considera que o riso afasta e aliena o indivíduo da realidade. Na obra *A República*, o autor afirma que “os guardiães do estado ideal não deveriam ceder ao impulso da troça porque o riso desencadeia e exacerba reações irracionais” (PLATÃO, 2007, p. 77-78).

Essas objeções ao riso e ao humor influenciaram pensadores cristãos e a cultura europeia. Na teologia medieval, o riso é reconhecido como característica natural do homem; porém, ao mesmo tempo que é considerado parte do que nos faz humano, é censurado sob o argumento de que Jesus não teria rido em sua vida terrena. Segundo o historiador Jacques Le Goff:

Vê-se, portanto, que em torno do riso travou-se um grande debate, que vai longe, porque, se Jesus não riu uma única vez em sua vida humana, ele é que é o grande modelo humano, [...] o riso torna-se estranho ao homem, ou pelo menos ao homem cristão. Inversamente, se é dito que o riso é o próprio do homem, é certo que, ao rir, o homem estará exprimindo melhor sua natureza (LE GOFF, 1989, p. 1-14 *apud* ALBERTI, 1999, p. 69)

A rejeição europeia e cristã do riso e do humor continuou durante toda a Idade Média, fortalecida também pelos filósofos Thomas Hobbes e René Descartes. Thomas Hobbes dedicou poucas linhas ao assunto, porém chegou a abordá-lo em seu livro considerado fundador da sociedade moderna, “*Leviatã*”, que passou a ser frequentemente citado como uma das fontes mais importantes no estudo do humor. Em sua obra, Hobbes sugere a Teoria da Superioridade como causadora do riso, que em linhas gerais descreve os seres humanos como competitivos e individualistas, e por esta razão, a sensação de superioridade nos causa bons sentimentos que culminam na emissão do riso (HOBBS, 1651, p. 25).

O entusiasmo súbito é a paixão que provoca aqueles trejeitos a que se chama riso. Este é provocado ou por um ato repentino de nós mesmos que nos diverte, ou pela visão de alguma coisa deformada em outra pessoa, devido à comparação com a qual subitamente nos aplaudimos a nós mesmos. Isto acontece mais com aqueles que têm consciência de menor capacidade em si mesmos, e são obrigados a reparar nas imperfeições dos outros para poderem continuar sendo a favor de si próprios. Portanto um excesso de riso perante os defeitos dos outros é sinal de pusilanimidade. Porque o que é próprio dos grandes espíritos é ajudar os outros a evitar o escárnio, e comparar-se apenas com os mais capazes (HOBBS, 1651, p. 25).

No século XVIII, o domínio da Teoria da Superioridade de Hobbes começa a se enfraquecer com o surgimento de outras duas formas de compreender o riso, a Teoria da Libertação de Tensão e a Teoria da Incongruência, que em essência nem sequer mencionam sentimentos de superioridade como causadoras do riso. A Teoria da Libertação de Tensão é desenvolvida pelo filósofo evolucionista Herbert Spencer, que prega o humor como uma válvula de escape de tensão. Essa teoria do alívio, como é também conhecida, considera o riso como o resultado de uma descarga de energia nervosa reprimida, liberando assim pensamentos e comportamentos acumulados no inconsciente. Quando as repressões são finalmente burladas, o riso surge como consequência.

A segunda teoria sobre o humor surgida no século XVIII para desafiar a da Superioridade foi a da Incongruência. Enquanto a Teoria da Superioridade diz que a causa do riso é o sentimento de superioridade, e a da Libertação de Tensão diz que é a liberação de energia nervosa, a Teoria da Incongruência, associada a Kant e a Schopenhauer, considera que o que causa o riso é a percepção de algo incongruente, algo que viola nossos padrões mentais e expectativas. O filósofo Immanuel Kant alega que o humor surge da “transformação repentina de uma grande expectativa para o nada” (KANT, 1959, p. 107). Isso envolve a ideia de que o humor surge na dissolução violenta de uma atitude emocional. Para o filósofo,

[...] algo absurdo (algo em que, portanto, o entendimento não pode, por si só, satisfazer) deve estar presente em qualquer coisa que levante uma risada convulsa. O riso é uma afeição que surge de uma expectativa estressada, de repente reduzido a nada (KANT, 1959, p. 107).

Embora Kant não esclareça exatamente o que significa ser “reduzido a nada”, uma interpretação desta afirmação pode ser explicada pela nossa reação a algumas piadas. O começo de muitas piadas faz com que a nossa mente desenhe um caminho a trilhar. O resultado, de repente, faz-nos perceber que estávamos seguindo um caminho completamente errado, ou seja, a nossa expectativa quanto ao desfecho daquela história estava equivocada.

Chegamos assim no que hoje em dia é considerada a fórmula do humor, que, conforme Sírio Possenti, consiste na descoberta de outro sentido, de preferência inesperado e normalmente distante do que é obviamente apresentado e que, até o desfecho da piada, parece ser o único possível (POSSENTI, 2010). Segundo Sírio Possenti em seu livro *Humor, Língua e Discurso*, “nenhum tema é, por si mesmo, criador de riso. Como se sabe, o humor deriva da técnica, não do conteúdo” (POSSENTI, 2010).

Essa fórmula é exatamente a aposta do canal *Porta dos Fundos* ao retratar os estereótipos presentes na sociedade, de forma a exagerar características relacionadas ao

seu papel social. Ao seguir a Teoria da Incongruência, os vídeos do canal apresentam quase que imediatamente a personagem estereótipo de forma que o público a reconheça em segundos e assim crie expectativas quanto às reações e o desfecho da situação anunciada. Porém, seguindo a fórmula do humor descrita por Possenti, essa expectativa é logo quebrada por uma reação crítica, que busca estampar de forma cômica os preconceitos e julgamentos pré-estabelecidos e assim repetidos pela sociedade.

2 MÉTODO DE PESQUISA

Para compreendermos melhor o papel do humor e do humorista na propagação ou quebra de estereótipos e ideologias preconceituosas, precisamos primeiramente nos aprofundar na forma como esses estereótipos e ideologias nascem e são absorvidas pela sociedade, tornando-se praticamente parte de cada indivíduo sem que esse perceba que essa visão de mundo não surge do seu livre pensar, e sim de uma formação ideológica da classe social da qual faz parte e que, de certa forma, lhe é imposta.

De modo geral, ideologia pode ser definida como uma visão de mundo, a forma como o homem mantém relações com outros homens e esse mesmo mundo (FIORIN, 2004, p. 32-34). Porém, Fiorin retira do termo esse sentido individual e considera uma formação ideológica como “a visão de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo” (FIORIN, 2004, p. 32). Sendo assim, a ideologia pode ser considerada, via de regra, uma falsa consciência, já que os indivíduos em geral limitam-se ao nível de aparência da realidade, ou seja, aquela que apresenta a realidade construída pelas ideias dominantes. Assim sendo, conclui-se que a ideologia não é um conjunto de ideias que compõe um sujeito após sua análise crítica do mundo e baseada nos seus preceitos morais, e sim, um produto de uma formação social dominante que é propagado coletivamente, inconscientemente e como consequência, de forma pouco crítica (FIORIN, 2004, p. 32-34).

Sob essa ótica, pode-se dizer que os humoristas do canal *Porta dos Fundos* optam por estampar de forma crítica essa ideologia dominante, para, então, quebrá-la, assumindo assim um papel claramente social quanto a propagação do pensamento crítico e reflexivo das ações cotidianas e coletivas. Para muitos, esse é exatamente o segredo do sucesso meteórico do canal, que culminou na mudança do estilo de outros programas humorísticos de TV aberta no Brasil. Para Gregório Duvivier, colunista, roteirista, ator e um dos fundadores do canal, a função principal do humor é cutucar as certezas da sociedade, ressaltando o princípio que fundamenta a comédia “*Castigat ridendo mores*”,

do latim “castigar os costumes pelo riso”. A proposta desse lema é atribuir ao cômico uma função moralista, algo que denuncia comportamentos reprováveis e que maculam o que o sistema social considera como de valor incontestável. “Para isso serve a arte: mudar o mundo através do riso, da poesia, da beleza” (DUVIVIER, 2004).

3 DESCRIÇÃO DE ANÁLISE DE DADOS

3.1 “É SÓ UMA PIADA”

Ao mesmo tempo que artistas como Duvivier consideram a função principal do humor como sendo estampar as ideologias impostas pelas elites e assim desmontar verdades impostas, fazendo do humor uma ferramenta de denúncia de comportamentos que de deturpam valores considerados incontestáveis, existe ainda uma gama de humoristas que partem do princípio que piadas não carregam, necessariamente, um teor ideológico e consideram-nas *apenas piadas*. Assim, como consequência desse ponto de vista, abandonam a compreensão de que o humorista desenvolve um discurso ideológico ao escolher qual tema apresentará ao seu público, bem como a leitura que fará dele, demonstrando, a partir do uso da linguagem, a forma como mantém relações com outros homens e o mundo. Tal posicionamento mais relaxado em relação ao humor é compreensível, pois o gênero foi historicamente considerado, como já apontado no início desse artigo, como um gênero *menor* e de pouco prestígio. Porém, Segundo Bergson (1983), o riso é capaz de eclodir “verdades”, pois, para o filósofo, o riso é sempre grupal, sendo determinado por um conjunto de atitudes que são discriminadas e colocadas como desvios perante uma comunidade (BERGSON, 1983, p. 19). Nesse sentido, o humor dialoga, de forma bastante descompromissada, com o preconceito e estereótipos impregnados na sociedade, exatamente por acreditar-se que não se deve atribuir um juízo de valor sobre quem conta ou quem ri de certos temas.

O comediante Rafinha Bastos, no documentário *O Riso dos Outros* defende essa posição menos compromissada do humor ao dizer que o seu papel é apenas “subir no palco e ser engraçado, só isso” (ARANTES, 2012). Para ele, teorizar a respeito da função social do comediante é até válido, mas não será ele que responderá esse tipo de questão. Em contrapartida, o jornalista, professor universitário e político brasileiro, Jean Wyllys, em depoimento para o mesmo documentário, discorda de Bastos ao considerar outras formas de fazer humor. “Existem outras maneiras de fazer rir sem humilhar os outros. Alguém de talento, de verdade, consegue fazer isso. E mesmo quando você traz essas minorias para a piada, ela não precisa ser, necessariamente, humilhando a pessoa.

Com o mesmo intuito do documentário *O Riso dos Outros*, que busca um posicionamento crítico acerca do que é o humor, seus limites e função social, o canal *Porta dos Fundos* publicou, em setembro desse ano o vídeo *O Mundo tá Chato*³. De início, a descrição do vídeo propõe a seguinte reflexão: “O mundo mudou, a sociedade evoluiu, o acesso à informação aumentou, a ciência avançou, planetas foram descobertos, a varíola foi erradicada, e até hoje não é possível responder a questão: qual o limite do humor?” (FUNDOS, 2016)

O vídeo conta a história de um jovem branco chamado Murilo de classe média, interpretado por Gregorio Duviver. Ao entrar em seu escritório de trabalho, a personagem diz, com descontentamento, que “o mundo tá muito chato, Jaime. Puta que pariu!” (FUNDOS, 2016), contando os motivos que o fazem se sentir dessa forma. Primeiramente, relata que ao tentar elogiar a recepcionista dizendo “porra, que desperdício essa raba aí atrás de um balcão escondia” (FUNDOS, 2016) a moça reagiu dizendo que aquela atitude era machista. Da mesma forma que a recepcionista, que chega a chamar o segurança por conta da declaração do rapaz, Rita, companheira de trabalho de Murilo, também se sente ofendida com a história narrada e diz que concorda que aquela declaração era sim, de fato, machista. Murilo, já alterado, irrita-se ainda mais e diz que “Ah, Rita, na moral, agora eu sou machista? Tu tá falando isso porque tu é mulher, né? Pra mulher, hoje em dia, tudo é machismo!” (FUNDOS, 2016), ignorando o tom das palavras escolhidas para proferir, como ele mesmo sugere no texto, um elogio, uma brincadeira: “Pô, não pode mais nem elogiar, não pode nem mais brincar que a mulher, hoje em dia, já acha que é machismo, não é não?” (FUNDOS, 2016). Assim como a de Murilo no vídeo, nota-se ainda essa aceitação coletiva do uso de palavras pejorativas em relação à mulher, no caso do vídeo “essa raba” (FUNDOS, 2016), como algo comum e lisonjeador, lembrando bem os conceitos que Fiorin atribui ao sentido de ideologia. A sociedade de um modo geral propaga comportamentos ditos comuns, que na verdade são apenas ideologias já implantadas pelos detentores de privilégios econômicos, neste caso, os homens, sem fazer uma análise mais crítica do sentido que o discurso carrega.

Na sequência da cena, o personagem Murilo dá continuidade ao seu relato indignado, citando outros momentos em que foi contestado pelas ideias que é acostumado a propagar, mas que agora têm sido alvo de reações indignadas, como quando diz ao seu colega de trabalho que por ele ser homossexual, ele não é de fato homem e, por isso, sua opinião em relação ao machismo não deve ser levada em consideração. “É homem que dá o bumbum pra outro homem! Tem que escolher,

³ O texto completo do roteiro encontra-se no anexo da página 20.

pô! Homem é homem, veado é veado” (FUNDOS, 2016). Da mesma forma que a recepcionista reagiu mal, Jaime indigna-se com a declaração de Murilo e o repreende, fazendo com que Murilo recue em sua afirmação e diga que o que foi dito por ele não passou de uma brincadeira. Tal atitude é bastante comum por parte daqueles que optam por propagar ideologias estigmatizadas na sociedade e então, quando forçadas a refletir criticamente sobre suas palavras, notam o peso da ideia que passaram e escondem-se por detrás do famoso *brincadeira, pô!*: “Ofensivo?! Eu estou brincando com um amigo meu... O cara é meu *brother*, é veado, mas é meu amigo” (FUNDOS, 2016). Nesse momento da cena, Murilo depara-se com a indignação também de seus colegas de trabalho e repete que, de fato, o mundo está chato, pois não é mais possível fazer piada de nada: não se pode mais brincar com moças bonitas ou fazer piadas sobre mulheres porque é machismo, não se deve fazer humor sobre homossexuais porque ofende, então, conclui que o único assunto que sobra é piadas de animais, que “...são piores que a macaca da minha empregada!” (FUNDOS, 2016), causando ainda mais repúdio em seus colegas. Como resposta à clara reprovação de seus amigos, Murilo novamente curva-se à ideia do “é apenas uma piada, pô!”, tentando se eximir da carga ideológica do seu discurso. Mais uma vez, o vídeo propõe uma crítica severa à ideia de que tudo vale em nome do humor e que aquele que opta por fazer humor sobre minorias e mulheres não está, necessariamente, concordando com o teor da piada, e sim apenas “divertindo”. Porém, conforme Schaff, citado por Fiorin, não há uma indissociabilidade entre linguagem e pensamento, já que são dois aspectos do mesmo processo: “o do conhecimento do mundo, da reflexão sobre esse conhecimento, e da comunicação de seus resultados” (SCHAFF *apud* FIORIN, 2004, p. 34).

Nesse momento na cena, o vídeo traz à tona a ideia de racismo invertido. Quando Murilo chama sua empregada de “macaca”, seus colegas dizem que sua afirmação é de cunho racista. Ao ser deparado com mais este repúdio, Murilo volta a se justificar, dizendo que não é racista, pois sua empregada é como se fosse sua mãe, e de que até torce para o time de futebol Flamengo, para a escola de samba Portela e que ouve bastante música de “preto”. O personagem, ao colocar suas justificativas, logo nota, mesmo que inconscientemente, a gravidade das suas palavras e logo recorre à ideia do racismo invertido, dizendo que também sofre racismo por ser branco, ignorando por completo a história da escravidão e a dívida histórica que a sociedade ocidental tem para com os negros. A ideia de *racismo invertido* ignora o fato dos negros terem sido retirados de seus países de origem como animais (macacos ou galinhas, como eram chamados no Brasil) para trabalhar de sol a sol, sem remuneração e liberdade, em situação desumana. Ao tentar demonstrar como compreende o que é racismo e como vive também na mira dele, Murilo diz que foi “zoadado” ao ser chamado “de branco

azedo, de leite, de estragado, sei lá o quê” (FUNDOS, 2016) e, por consequência, cita rapidamente a ideia de meritocracia, tão bem vendida pelas classes dominantes e claramente privilegiadas, ao dizer que “agora, a vida me dá um limão, eu faço uma limonada! Então, brincou comigo, eu brinco de volta. Não sabe brincar? Não desce para o *play*” (FUNDOS, 2016), dando a entender que os negros, ao longo da história, vitimam-se diante do racismo e que a sua atitude perante a discriminação é que mudará a sua posição nas hierarquias já pré-estabelecidas na sociedade, ignorando por completo, mais uma vez, a história dos Negros no Brasil e no mundo.

No fim da cena, momento em que o canal geralmente explicita a crítica contida no vídeo, Murilo liga o computador para voltar a trabalhar e o símbolo do Nazismo (Suástica) aparece como fundo de tela. Mais uma vez, Murilo depara-se com a indignação de seus colegas e diz, novamente, que não se pode brincar com mais nada, e tenta encobrir sua escolha dizendo que aquela imagem na tela do seu computador é apenas um símbolo indiano.

Em suma, o esquete estampa de forma cômica o fato de pessoas esconderem, por detrás de piadas, comportamentos imorais e racistas. A posição do canal, claramente retratada nesse vídeo, enfatiza o posicionamento a favor das minorias, propondo uma ruptura da ideia de que o humor é um mundo sem lei. Para Duvivier, “uma piada é uma arma química poderosíssima e, se usada contra a opressão, pode mudar tudo. O humor pode ser anárquico e revolucionário, quando usado de baixo pra cima (DUVIVIER, 2014), ou seja, quando o seu alvo é a autoridade, o opressor. Assim, o humor “passa a mão na bunda do guarda”, ou seja, quebra, de fato, estigmas sociais enraizados e replicados pela massa e assume o conteúdo que de fato carrega, só que de forma disfarçada atrás de um nariz de palhaço.

3.2 “ME DIGA O QUE TE FAZ RIR E TE DIREI QUEM ÉS”

Assim como Goethe afirma que “nada descreve melhor o caráter dos homens do que aquilo que eles acham ridículo” (GOETHE, 1749), Freud apresentou a ideia de chiste, palavra originada do alemão *Witz*, que significa “gracejo”. Para o psicanalista, o chiste é uma válvula de escape do inconsciente, que o utiliza para dizer, em tom de brincadeira, aquilo que verdadeiramente pensa, pois um dos motores da piada é a dificuldade do sujeito em criticar um dado tema (FREUD, 1977, p. 6). No texto “Os Chistes e Sua Relação com o Inconsciente” de 1905, Freud considera os chistes como um mecanismo que tenta enganar a censura, deslocando a energia psíquica e representando-a de forma indireta. (FREUD, 1977, p. 11) Para o chiste gerar o riso, ele precisa de uma plateia própria, quase que um *acordo psíquico* entre o autor e o ouvinte,

que devem compartilhar inibições internas. O riso é então provocado no ouvinte quando uma inibição comum entre eles teve que ser superada na elaboração da piada. Assim, “aquele que deixa, dessa forma, escapar inopinadamente a verdade na realidade está feliz em tirar a máscara” (FREUD, 1977).

Referindo-se a Freud, Possenti considera o prazer que os chistes provocam e afirma que “talvez nós rimos mais francamente daqueles que ora nos são de difícil uso, porque requerem comentários mais extensos e, mesmo com tal ajuda, não produziram o efeito original” (POSSENTI, 2000, p.145). Assim como Freud, Possenti enaltece o fato de que os chistes dependem da atualidade e que, quando repetidos em outros momentos, perdem a graça pois precisam ser explicados para serem compreendidos. Quando é preciso explicá-los, os chistes automaticamente perdem a força, pois a sua característica fundamental é a descoberta de *sentido* pelo ouvinte, que depende das condições de produção e da cena enunciativa. (POSSENTI, 2010, p.145)

Dessa forma, é possível facilmente conectar o sujeito que produz uma piada sobre um determinado assunto e o que ele realmente pensa sobre aquilo, bem como aquele que acha graça de determinadas abordagens de assuntos polêmicos e discriminatórios. A ideia de que é *apenas uma piada* ou é só brincadeira funciona notoriamente como uma parede que tenta afastar o sujeito da sua linguagem, esquecendo que a linguagem é, também, uma forma de ação, em tom de piada ou não.

3.3 CANTADA

De forma a ilustrar os estereótipos femininos altamente propagados pela sociedade, foram selecionados dois vídeos do canal *Porta dos Fundos* (“*Cantada*”, publicado em 2014 e “*Piranho*” de 2015) nos quais o papel alocado à mulher no sistema social é devidamente “quebrado” e criticado, estampando, de forma crítica, o quão absurdo são estes ideais.

O primeiro vídeo a ser analisado, “*Cantada*”, propõe uma reflexão sobre dois estereótipos que estabelecem um relacionamento cotidiano: o pedreiro e a mulher. As mulheres de forma geral sabem que ao passar por uma obra onde pedreiros trabalham, ouvirão cantadas de todos os tipos. Levando em consideração esta experiência, o canal *Porta dos Fundos* quebra a expectativa quanto a este comportamento ao inverter os papéis e protagonizar uma mulher bastante decidida optando por aceitar a investida do pedreiro e consumir o tão desejado ato sexual, tão comumente verbalizado pela categoria.

⁴ O texto completo do roteiro encontra-se no anexo da página 22.

Assim, o esquete “Cantada” começa quando uma mulher jovem, branca e bem afeiçãoada, ao passar caminhando por uma obra, ouve a investida grosseira e intimidadora do pedreiro, que diz “Bucetuda, te chupava toda hein. Mama minha rola sua piranha” (PORTA, 2014) e, ao contrário do que se espera dela, decide aceitar o convite. Na sequência, a jovem oferece, em um tom bastante violento, fazer sexo oral no pedreiro, naquele momento, espelhando, assim, a conotação enfática dada por ele: “Mamo mesmo, bota pra fora que vou chupar teu pau agora” (PORTA, 2014).

Ao se deparar com tamanha improbabilidade, o pedreiro sente-se automaticamente envergonhado e alarmado com a resposta inesperada da vítima do assédio e não só questiona a moça com um: “Peraí dona, quéisso?” (PORTA, 2014) como ainda pede ajuda ao seu colega de trabalho, dizendo “Gerson, me salva aqui” (PORTA, 2014). Nesse ponto do vídeo, o canal *Porta dos Fundos* mais uma vez aplica a Teoria da Incongruência, de Roger Scruton, já detalhada nesse artigo, quebrando a expectativa do telespectador quanto as reações a situações cotidianas propostas pelo vídeo. A cena, caso seguisse os padrões de comportamento dos estereótipos em questão, teria a duração de no máximo meio minuto, no qual a mulher continuaria caminhando, possivelmente enojada com o vocabulário machista e inapropriado utilizado pelo pedreiro. Já o pedreiro, por sua vez, após proferir os *insultos* de forma automática e despropositada, logo esqueceria o feito e seguiria com os seus afazeres, para, no fim do dia, chegar na sua casa onde reside com sua família, sem ao menos lembrar como mais uma vez propagou, de forma automática, a degradação da figura feminina.

Nas cenas seguintes, após a insistência da mulher em consumir o ato sexual, o pedreiro fica visivelmente incomodado com a atitude da moça e explica para ela que a categoria não canta as mulheres que passam pela obra porque quer, de fato, ter relação sexual com elas, mas simplesmente porque são “obrigados”: “O que que tem? Sou obrigado a fazer isso, entendeu? Faz parte do serviço. Qualquer mulher que passa aqui a gente tem que cantar. Dão mais valor a isso do que a obra mesmo em si” (PORTA, 2014). Após tal revelação inesperada, a mulher fica bastante constrangida e pede desculpas ao homem, e até se oferece para falar com o mestre da obra a respeito da tal obrigação.

Nesse ponto, o canal propõe representar outro estereótipo, o masculino, mostrando, mais uma vez, o posicionamento não crítico que a sociedade em geral demonstra em relação às ideologias dominantes. Tais ideologias, *injetadas* na mente do coletivo, fazem com que as pessoas se posicionem e ajam de forma mecânica a respeito de diversos tipos de assunto, sem pensar com clareza acerca do impacto e consequência desta forma de agir. Muitos homens, hoje, degradam e desrespeitam mulheres desconhecidas nas ruas por acreditarem que esta é a atitude esperada

deles pela sociedade, muitas vezes desrespeitando a si mesmos, as mulheres de suas famílias e os seus sentimentos e crenças mais íntimos. Caso fossem questionados diretamente, ou até mesmo, caso se vissem na mesma posição degradante em que colocam a mulher, muitos reagiriam como o pedreiro do esquete proposto pelo *Porta dos Fundos*: alarmados, envergonhados e tristes, sentindo como se a sociedade – no caso do vídeo, seus empregadores – os obrigassem a manter tal conduta para, assim, serem validados como homens – profissionais.

Em linhas gerais, o vídeo “*Cantada*”, do canal *Porta dos Fundos*, aborda um tema bastante discutido hoje em dia: até onde uma cantada na rua é elogio ou assédio e violência. Ao propor a inversão dos papéis, o esquete estampa o quão inconsciente a sociedade é em relação à propagação de comportamentos ofensivos e discriminatórios, em todas as esferas, não só em relação à mulher. Ao colocar o homem no papel de vítima da investida sexual agressiva, a força do discurso ofensivo, bem como o real significado das palavras proferidas, traz à tona a consciência em relação a si mesmo e ao outro, causando o riso desconfortável.

3.4 O ESTEREÓTIPO E A MULHER

No *Dicionário de Análise do Discurso* (2004), estereótipo é definido como um clichê, que denuncia “uma cristalização no nível do pensamento ou no da expressão; portanto, estereótipo designa o que é fixo, estratificado, cristalizado” (CHARAUDEAU, 2004). O primeiro estudo sobre estereótipos teve início na década de 20, com o escritor, jornalista e comentarista político estadunidense Walter Lippmann. Em seu livro titulado *Opinião Pública* (1922), Lippmann define estereótipo como imagens mentais pelas quais indivíduos processam a realidade, ou seja, os estereótipos agem como um sistema organizacional da realidade. Para o teórico, os indivíduos primeiramente definem o que veem, para depois verem, de fato; primeiro escolhe-se a visão que a cultura já oferece pronta, ou seja, o estereótipo já fornecido pela sociedade da qual fazemos parte, para aí ver de fato e gerar julgamentos pessoais (LIPPMANN, 1922, p. 81). Ainda segundo Lippmann, quando um estereótipo é criado, ele nunca é neutro, já que espelha o senso comum. “Os estereótipos são, portanto, altamente carregados com os sentimentos que estão ligados a eles. Eles são a fortaleza de nossa tradição, e por trás de suas defesas podemos continuar a sentir-nos seguros na posição que ocupamos” (LIPPMANN, 1922, p. 96, tradução minha⁵).

⁵ “The stereotypes are, therefore, highly charged with the feelings that are attached to them. They are the fortress of our tradition, and behind its defenses we can continue to feel ourselves safe in the position we occupy” (LIPPMANN, 1922, p. 96)

A transmissão de estereótipos acontece de formas bastante variadas, como pela família, amigos, mídia e pelo humor, que faz uso deste espelhamento do senso comum para conectar-se com seu ouvinte, viabilizando o riso. Dessa forma, o estereótipo, seja ele qual for, funciona como uma ponte direta entre o sujeito ouvinte e a ideia generalizada proposta pela piada, pois só há risada se houver conexão entre o ouvinte e a realidade que a piada tenta descrever. “Por isso, a linguagem tem um papel importante, porque é através dela que o processo de estereotipia se materializa” (LYSARDO-DIAS, 2007, p. 28).

Quando consideramos o estereótipo baseado no gênero, somos obrigados a dar um passo atrás, de quase cinquenta anos, até a década de setenta, quando a noção de sexo biológico surgiu na psicologia americana, marcando, desta forma, o *nascimento* da ideia de que o gênero pode significar, de alguma forma, uma categorização social e um ditador de normas de comportamento (TAJFEL, 1972). Como consequência, o papel inferiorizado e frágil, dependente de sustento e proteção, foi atribuído ao sexo feminino; ao contrário do sexo masculino, considerado superior e de maior capacidade, o único capaz de controlar social e economicamente as instituições sociais. Daí nasce o tão conhecido estereótipo feminino: o da esposa, mãe e objeto romântico, amplamente propagado até os dias de hoje, em pleno século XXI.

Uma das principais abordagens teóricas no estudo deste fenômeno de estereotipação da mulher foi desenvolvida por Glick e Fiske (1996), que consideram o sexismo como um reflexo da hostilidade contra as mulheres. Ao tentar explicar esse fenômeno, os autores desenvolveram o conceito de “sexismo ambivalente”, definindo-o como uma atitude positiva para proteger, idealizar e oferecer afeição às mulheres, enquanto sua contrapartida hostil é responsável pela dominação e degradação das mulheres, destacando, dessa forma, todo comportamento que implica agressividade e atitude desqualificadora. Tal agressividade pode ser constatada em números, que apontam que treze mulheres são assassinadas por dia no Brasil; dado que apresentou um crescimento de 11,6% entre 2004 e 2014, de acordo com o balanço divulgado pelo Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM, 2017). Estes números tornam-se ainda mais alarmantes quando acompanhados dos dados fornecidos pela Central do Ligue 180, da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República: “no mesmo ano, de um total de 52.957 denunciante de violência, 77% afirmaram ser vítimas semanais de agressões, e em 80% dos casos, o agressor tinha vínculo afetivo com a vítima (marido, namorado, ex-companheiro)” (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2016). Além disso, 80% dessas vítimas possuem filhos, e 64% destes presenciaram ou também sofreram violência. Em termos mundiais, estima-se que 35% das mulheres em todo o mundo tenham experimentado violência física ou sexual, ou violência sexual por parte de um

não-parceiro, em algum momento de suas vidas. No entanto, alguns estudos mostram que até 70% das mulheres experimentam violência física e/ou sexual de um parceiro íntimo (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2013).

Graças à ampla divulgação de dados como esses, o debate em torno da interiorização e violência contra a mulher vem crescendo com o passar dos anos. Como consequência, surgiram importantes leis de proteção à mulher: em 2006, a Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha (LMP); e a Lei 13.104, de 9 de março de 2015, que torna o feminicídio crime hediondo. Ambas, cada uma com suas peculiaridades, atuam como marcos na luta pela igualdade de gênero no Brasil. A lei Maria da Penha, que homenageia a farmacêutica que sobreviveu à agressões e tentativas de assassinato de seu então marido, visa aumentar o rigor das punições sobre crimes domésticos cometidos por homens que agridem fisicamente ou psicologicamente sua companheira ou esposa. Já a lei 13.104/15, ao sofrer alteração no art. 121 do CP, passou a considerar *feminicídio*, ou seja, morte de mulher em razão da condição do sexo feminino, como crime de homicídio punido com pena de reclusão de 12 a 30 anos.

Diante do exposto, não se pode ignorar as consequências devastadoras de qualquer estereótipo, ainda mais quando propagado de forma irresponsável por personagens importantes do humor no Brasil e no mundo. O ideal é apenas uma piada cai por terra quando seres humanos são machucados, violentados e degradados por conta de uma ideologia antiquada que é propagada sem pensamento crítico, pelos agentes dominantes da estrutura social. Nesse caso, tais agentes são representados por nomes conhecidos do humor. Vale também destacar o ideal de beleza imposto às mulheres pela grande mídia, que em revistas e comerciais, propagam a objetificação da mulher, que deve se sentir lisonjeada por receber *elogios* agressivos por onde passa, já que se isso acontece com você é porque você é bonita e feminina, desconsiderando por completo o desconforto e vergonha causados nela. A filósofa e teórica francesa Simone de Beauvoir já escrevia, em 1960 na sua obra “O Segundo Sexo” (1967) que “no dia que for possível à mulher amar-se em sua força e não em sua fraqueza; não para fugir de si mesma, mas para se encontrar; não para se renunciar, mas para se afirmar, nesse dia então o amor tornar-se-á para ela, como para o homem, fonte de vida e não perigo mortal” (Beauvoir, 1967, p. 245).

3.5 PIRANHO

O esquete titulado “Piranho⁶” propõe uma inversão de papéis ainda mais visível do que no vídeo “Cantada”, trocando fisicamente o lugar do homem e da mulher no meio profissional. O local de trabalho é, sem dúvida, palco constante de situações constrangedoras para a mulher, sendo lá que a propagação do estereótipo negativo acontece com bastante força: a mulher é ainda tachada como a *fêmea* tradicional, aquela impulsionada apenas pelas emoções e não pela razão, o que a afasta das características esperadas de profissionais de várias áreas. De comportamento irracional que sempre leva a erros bobos e grosseiros, a mulher deve se sentir aliviada por, felizmente, ter um *homem hétero* do qual depende emocionalmente para resolver os seus problemas. Tendo em vista tal papel atribuído à mulher, é compreensível deduzir que ela seja julgada como incapaz de tomar decisões, especialmente em relação à sua própria vida sexual, tema explorado pelo esquete alvo desta análise.

O questionamento levantado pelo canal Porta dos Fundos gira em torno da liberdade sexual da mulher, em comparação à liberdade gozada pelos homens, propondo, como é de costume, a inversão de papéis. Ao colocar o homem no papel que a mulher exerceria em uma determinada situação cotidiana, o esquete causa a incongruência e leva o público a uma análise mais crítica acerca dos comportamentos observados no dia a dia, e, de certa forma, considerados aceitáveis pela sociedade. Nas primeiras cenas do esquete, Glauce, a mulher que notavelmente ocupa um cargo hierarquicamente alto na empresa, aguarda a chegada de Rogério, seu subordinado, para uma conversa aparentemente séria e severa. Assim que Rogério entra na sala de reuniões, com ar acuado e esperando pelo pior, Glauce inicia a sua fala intimidadora, pedindo que Rogério não a leve a mal pois ela será bastante direta em relação ao que deseja falar. “Rogério, eu te chamei aqui porque eu tenho um assunto delicado para tratar com você. Eu vou até ser um pouco direta, espero que você não me leve mal” (PORTA, 2015). E assim, a personagem inicia seu discurso, de pé, com as mãos nas cintura e tom irônico, chamando a atenção de Rogério por ele se vestir de forma provocante na empresa: “Essa blusa de algodão, com esse biquinho do peito sobressaindo” (PORTA, 2015). Nesse ponto, nota-se que o esquete propõe, desde o princípio, enquadrar a personagem Glauce ao estereótipo masculino acima descrito: o “homem hetero” que se sente proprietário da mulher e, ao ocupar este papel, pode ditar normas de comportamento que não o competem.

⁶ O texto completo do roteiro encontra-se no anexo da página 24.

Não contente com a falta de ética profissional e estampando com clareza a forma como muitos homens se acham no direito de ditar regras de conduta às mulheres, a personagem segue seu discurso impositivo, dizendo que mesmo sendo casada, sua carne é fraca e, por estar sendo provocada daquela forma, poderia facilmente abusar sexualmente do colega de trabalho, justificado o ato pela provocação implícita em suas vestimentas. “Vamos dizer... Vamos supor aqui que eu tenha uma tara estranha, que eu amo o peito do bico sobressaindo... Eu tranco essa porta e te como violentamente. Quer dizer o quê? Que eu tô certa, não é?” (PORTA, 2015). Nesse ponto do vídeo, o canal estampa a *cultura do estupro*: termo utilizado desde os anos 1970, mas que se tornou popular após o caso de estupro coletivo ocorrido no mês de maio de 2016 no Rio de Janeiro. Segundo Denys Cuche em seu livro *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais* (1999), uma sociedade tem a tendência de tornar natural comportamentos, mesmo que estes destoem das convicções pessoais: “[...] A noção de cultura se revela então o instrumento adequado para acabar com as explicações naturalizantes dos comportamentos humanos. A natureza, no homem, é inteiramente interpretada pela cultura” (CUCHE, 1999, p. XX). Assim, a cultura do estupro nada mais é do que o comportamento coletivo, sutil ou explícito, de uma sociedade ao silenciar ou relativizar a violência sexual cometida contra a mulher, reforçando a ideia de que seria normal uma mulher ser estuprada caso esta estivesse trajando roupas consideradas provocativas – como roupas curtas e decotadas, como sugerido no esquete “Piranho” – ou ainda se tivesse consumido entorpecentes ou bebidas alcoólicas que tirariam a sua consciência. Nesses casos, para a comunidade que ainda propaga a cultura do estupro, a mulher teria provocado o abuso, “pedindo para levar”, inocentando por completo o homem que opta por cometer um crime contra outro ser humano. Assim, a personagem Glauce segue seu discurso de apologia à esta cultura, ao dizer que “tudo isso tá passando a imagem do quê? De “Me coma!”, entendeu? Eu vou te falar uma coisa: no meio corporativo, você tem que se respeitar para ser respeitado” (PORTA, 2015).

Após algumas tentativas tímidas e perplexas de Rogério explicar suas vestimentas - “hoje é o tal do *Casual Friday*” e “é que é só uma camisa de algodão” (PORTA, 2015) – Glauce, ocupando o papel que facilmente seria ocupado por um homem em similar situação, apresenta outro tema bastante polêmico em relação à mulher: a liberdade sexual. A personagem traz essa ideia ao questionar Rogério, de supetão e sem ligação alguma com o que anteriormente estava sendo dito, quanto ao número de mulheres com quem o funcionário já teve relação sexual: “Rogério, com quantas mulheres você já dormiu nessa empresa?” (PORTA, 2015). Ao tentar responder, de forma até um pouco ingênua, Rogério é logo interrompido por Glauce que mal pode se segurar para expressar seus julgamentos em relação ao fato do funcionário, solteiro, ter relações

sexuais com diversas parceiras, como bem entender ou escolher, sem ser tachado de “... putinho, um piranho, que sai com qualquer uma...” (PORTA, 2015). Novamente, o canal estampa, ao inverter as posições, o absurdo de tais alegações, que são cotidianamente feitas em relação as mulheres solteiras. Esse comportamento em relação à liberdade sexual feminina é propagado não apenas por homens, mas pelas próprias mulheres, que julgam umas às outras quando optam por ter relações sexuais com vários homens, da mesma forma que homens fazem sem serem alvos do mesmo repúdio. Até mesmo os adjetivos atribuídos a homens que dormem com várias mulheres (*cachorro, galinha, garanhão, mulherengo*) carregam, mesmo que subjetivamente, uma conotação positiva; enquanto as mulheres que têm o mesmo comportamento são tachadas de “piranhas” (exatamente o nome dado ao vídeo alvo desta análise), “putas” ou “vagabundas”: termos chulos e que desabonam por completo o sujeito alvo deles.

Após a vinheta de encerramento, parte do esquete que geralmente escancara a crítica que o vídeo deseja fazer, duas funcionárias que conversam no corredor da empresa assediam um colega de trabalho que tenta passar por elas para ir a cozinha. Após algumas tentativas de tocar no rapaz, uma das moças diz, quando o colega finalmente consegue passar pela barreira imposta: “olha, lá. Fingiu que tá comportadinho. Entre quatro paredes isso só quer saber do quê? Buceta. Buceta. Ó, lá, safado.” (PORTA, 2015), mais uma vez enfatizando como a liberdade sexual da mulher é vista pela sociedade. A mulher desde criança tem sua sexualidade reprimida: quando meninas de quatro ou cinco anos passam pela fase de descoberta de seu próprio corpo, logo recebem um *feio* e são encorajadas a não buscar mais o autoconhecimento. O mesmo não acontece com os meninos, que tem esse anseio de conhecer o seu próprio corpo, o que é considerado natural e até *fofinho*. Isso se repete na adolescência, quando o menino começa a descobrir sua sexualidade e é automaticamente incentivado a isso. Já os desejos da menina são repudiados, a conversa sobre sexo adiada e ela é apenas instruída a esperar o homem certo, *se guardar*, fazendo com que reprima seus desejos sexuais por completo. Já na vida adulta, as mulheres são pressionadas a seguir um padrão de beleza ditatorial, com o intuito de atrair mais homens, homens estes que ela está proibida de desejar. Espera-se que a mulher não transe na primeira noite, que não fale ou exprime seus desejos sexuais, mas que seja *boa de cama para prender o parceiro, ser sensual sem ser vulgar* e assim por diante.

CONCLUSÃO

Ao analisarmos dois vídeos do canal humorístico *Porta dos Fundos*, que propõe a inversão do papel da mulher e do homem em situações bastante comuns no dia a dia, percebemos como ainda é difícil ser mulher na sociedade atual. Pouco parece ter evoluído: ainda cultua-se o machismo como religião; ainda desfaz-se por completo dos desejos, realizações e aspirações femininas; ainda atribui-se um lugar desigual às mulheres, em relação aos homens, de maneira cega. A ideologia dominante e os estereótipos criados por ela são amplamente aceitos e propagados, sem pensamento crítico ou questionamento, causando sofrimento, medo e angústia.

É chegado o momento que canais como o *Porta dos Fundos* venham estampar, através do humor, o absurdo escondido detrás deste véu colocado sobre nossos olhos. Ao propor inversões de papéis e quebras de expectativas, o canal escancara comportamentos degradantes e ridiculariza a ação robótica de grande parte da sociedade. Graças a canais como estes e os movimentos feministas, as mulheres hoje conseguem se apoderar um pouco mais de suas próprias vidas, se sentindo, pelo menos, capazes de reclamar, gritar, reagir, ao se verem alvo de comportamentos machistas e que as desqualificam. Só o fato de se sentirem capazes de reagir já demonstra um passo no caminho da libertação.

ANEXO

O MUNDO TÁ CHATO

(Murilo entra na sala demonstrando sua indignação aos colegas de trabalho.)

MURILO – Puta que pariu, tô muito puto, brother!

JAIME – O que foi, Murilo?

MURILO – Porra, o mundo tá muito chato, Jaime. Puta que pariu!

RITA – O que aconteceu?

MURILO – O que aconteceu que eu tava passando lá embaixo e fui elogiar a menina da recepção, fazer uma gentileza e falei: “Porra, que desperdício essa raba aí atrás de um balcão escondia”... E ela: “Nossa, que machismo”. Porra, eu sou machista agora? Eu? Vai tomar no cu! Daí ela foi chamar o segurança.

RITA – O, Murilo, isso foi uma atitude muito machista!

MURILO – Ah, Rita, na moral, agora eu sou machista? Tu tá falando isso porque tu é mulher, né? Pra mulher, hoje em dia, tudo é machismo! Pô, não pode mais nem elogiar, não pode mais brincar que a mulher, hoje em dia, já acha que é machismo, não é não?

JAIME – Murilo, olha só, eu sou homem e eu achei isso bem machista!

MURILO – Tu é homem, Jaime? Tu não é homem.

JAIME – Não, então, eu sou gay, mas eu continuo sendo homem.

MURILO – É homem que dá o bumbum pra outro homem! Tem que escolher, pô! Homem é homem, veado é veado.

COLEGA MULHER – Murilo, você foi bem ofensivo!

MURILO – Ofensivo?! Eu estou brincando com um amigo meu... O cara é meu brother, é veado, mas é meu amigo. Gente, o mundo tá muito chato, mesmo! Não pode mais fazer piada de veado, não pode mais fazer piada de mulher. O que sobra? Vou fazer piada de que? De bicho? Porra, são piores que a macaca da minha empregada!

JAIME – Cara, não, você não falou isso...

MURILO – O que? É uma piada! Porra, eu desde moleque chamo ela de macaca. Ela é tipo uma mãe para mim, pô. Não tem nada a ver com racismo, não.

COLEGA MULHER – Ela é negra?

MURILO – É, mas não é por isso... É que ela é peluda, porra. Ela nunca se

incomodou. Outro dia veio me falar que era racismo. Eu falei: “Porra, Neide, eu sou racista? Eu sou flamengo, porra! Eu sou Portela, irmão, vou ser racista? Olha a minha playlist do Spotify, só tem preto”. Não pode mais brincar com nada... O mundo tá muito chato, brother!

RITA – Não, você pode brincar com qualquer coisa, com o que você quiser, mas é que racismo, no caso, é uma questão bem séria.

MURILO – Você acha que eu não sei, Rita? Você acha que eu nunca sofri racismo? Você acha que eu nunca fui zoado? Olha a cor da minha pele! Porra, o pessoal só de branco azedo, de leite, de estragado, sei lá o quê. Porra, é foda também... O negócio é que eu aprendi a dar a volta por cima, a responder. Quer ver? Me chama de palmito.

RITA – *(Rita hesita e fala)* O, palmito!

MURILO – Por que? Porque meu pau é um mito? Entendeu? Essa que é a diferença. Agora, a vida me dá um limão, eu faço uma limonada! Então, brincou comigo, eu brinco de volta. Não sabe brincar? Não desce para o play.

(Todos ficam em silêncio, indignados.)

(Murilo liga seu computador e, na tela, aparece o símbolo nazista.)

JAIME – O, meu Deus!

RITA – Murilo, o que que é isso???

MURILO – O que que foi, gente? Não pode mais brincar com nada! Isso aqui é um símbolo indiano, porra!

(FUNDOS, O MUNDO TÁ CHATO, 2016).

CANTADA

(Pedreiro está trabalhando em uma obra em via urbana quando vê uma mulher caminhando na sua direção.)

PEDREIRO - Terminar aqui para vazar logo. Bucetuda, te chupava toda hein. Mama minha rola, tua piranha.

MULHER - Mamo mesmo, bota pra fora que vou chupar teu pau agora.

PEDREIRO - O que?

MULHER - Bota pra fora que eu vou chupar agora

PEDREIRO - Perai dona, que isso?

MULHER – Anda, eu quero ver você me comendo gostoso com essa pica gostosa que você tem. Comendo meu cuzinho arrebetando minhas preguinhas toda. Vem, vem, vem...

PEDREIRO - Jerson, me salva aqui.

MULHER - Vem também, Jerson, vem arrombar geral.

PEDREIRO - Não é assim não.

(Mulher tenta tocá-lo. Pedreiro, assustado, grita.)

PEDREIRO - Você está me machucando.

MULHER - Você não estava me chamando de bucetuda?

PEDREIRO - Não tava te querendo não, só fiz isso porque sou pedreiro.

MULHER - O que que tem?

PEDREIRO – A gente é obrigado a fazer isso, entendeu? Faz parte do serviço. Qualquer mulher que passa aqui a gente tem que cantar. Dão mais valor a isso do que à obra memo, em si.

MULHER – Cara, eu não sabia!

PEDREIRO - Pô, pra mim, isso é muito ruim também, muito desrespeitoso, tudo isso que eu falo.

MULHER - Tá, mas também você pode se recusar né?

PEDREIRO - Não posso! Tenho 6 crianças pra botar comida na boca. Vou ganhar dinheiro como?

MULHER - Então vou falar com o seu ... Quem é o empreiteiro aqui dessa obra, óh?

PEDREIRO - Shhh! Cara, ele me manda em obra e espalha no mercado, depois não consigo emprego. Olha só, faz uma coisa.... Vai embora. Deixa eu trabalhar, me deixa aqui. Por favor, vai embora?

MULHER - Deixa eu te falar uma coisa.

PEDREIRO - Me deixa trabalhar.

MULHER - Posso falar uma coisa?

PEDREIRO - Não, deixa eu falar.

MULHER - Posso falar?

PEDREIRO - Não, vai embora!

MULHER - Queria te pedir desculpas. Eu não sabia que vocês eram obrigados, se eu soubesse, eu nunca tinha reclamado; nunca tinha avançado em ninguém. Desculpa, eu não sabia.

(Pedreiro começa a chorar.)

MULHER – Oh, não...

(Mulher abraça pedreiro e tenta consolá-lo.)

PEDREIRO - Eu não aguento mais!

MULHER - Sh, vem, vem aqui, shh

PEDREIRO - Eu não aguento mais.

MULHER - Vem no colinho da mamãe.

PEDREIRO – Brigado, tá?

MULHER - Tá tudo bem. Tá tudo bem, oh oh

(Pedreiro segura a mão da mulher.)

PEDREIRO - Obrigada, tá?

(Pedreiro olha para outra mulher passando na rua.)

PEDREIRO - Arrombada do Caralho.

(Vinheta de encerramento.)

(FUNDOS, 2014)

PIRANHO

(Rogério bate na porta e é recebido por Glauce numa sala de reuniões.)

GLAUCE – Pode entrar. Tudo bem?

ROGÉRIO – Tudo bem, dona Glauce?

GLAUCE – Rogério, eu te chamei aqui porque eu tenho um assunto delicado para tratar com você. Eu vou até ser um pouco direta, espero que você não me leve mal.

ROGÉRIO – Não, claro. Fala.

GLAUCE – Rogério, você precisa se dar mais valor.

ROGÉRIO – Como assim, dar mais valor?

GLAUCE – Você não tem espelho em casa, querido?

ROGÉRIO – Tenho, ué.

GLAUCE – Rogério.... Essa blusa de algodão, com esse biquinho do peito sobressaindo. Tudo bem que eu sou casada, mas você sabe como é: a carne é fraca, né? Você tá me tentando. Vamos dizer.... Vamos supor aqui que eu tenha uma tara estranha, que eu amo o peito do bico sobressaindo... Eu tranco essa porta e te como violentamente. Quer dizer o quê? Que eu tô certa, não é?

ROGÉRIO – Hoje é o tal do *Casual Friday*, que é o dia que a gente vem mais descontraído, mesmo.

GLAUCE – *Casual Friday* virou sinônimo de prostituto, de piranho, de putinho, é isso? Essa aula de inglês eu não fiz, não.

ROGÉRIO – É que é só uma camisa de algodão.

GLAUCE – Algodão é o novo piercing no umbigo, né? Ah, não se faça de bobo. Esse seu decote, aí, valorizando esse dorso enorme, essa calça justinha...

(Rogério, desconfortável, fecha mais um botão de sua camiseta.)

GLAUCE – Tudo isso tá passando a imagem do quê? De “Me coma!”, entendeu? Eu vou te falar uma coisa: no meio corporativo, você tem que se respeitar para ser respeitado.

ROGÉRIO – Eu me respeito, dona. (*Inconformado.*)

GLAUCE – Rogério, com quantas mulheres você já dormiu nessa empresa?

ROGÉRIO – Umas...

GLAUCE – Perdeu as contas, não é, Rogério? Pois é, mas olha só.... Não sou eu que tô falando. São as pessoas que tão comentando. Daqui a pouco você vai deixar de ser um executivo promissor para se tornar o quê? Um putinho, um piranho, que sai com qualquer uma.... As pessoas comentam, Rogério. Isso é a “rádio corredor”.

ROGÉRIO – Dona Glauce, eu, assim, ó: eu sou solteiro.

GLAUCE – Ah, Rogério, pouco me importa com quem você sai, com quem você dorme. Isso não é do meu interesse, não é? Agora, depois você não diga que eu não avisei, quando as pessoas começarem a não te levar a sério, você não reclame. Só mais um toquezinho, aqui, tá, lindinho? Deixa ninguém te filmar, não. Mulher é um bicho escroto.

(Vinheta de encerramento.)

(Duas moças conversam no corredor da empresa, tomando café.)

MOÇA 1 – Pois é, se a gente coloca um compensado acima...

MOÇA 2 – Tava pensando muito em fazer isso.

(Colega homem passa pelas amigas para acessar a cozinha.)

MOÇA 1 – Opa!

MOÇA 2 – Delícia! Olha, aí...

(Moças tentam se esfregar no homem.)

MOÇA 1 – Nem tô encostando, nem tô encostando...

MOÇA 2 – Olha, lá. Fingiu que tá comportadinho. Entre quatro paredes isso só quer saber do quê? Buceta. Buceta. Ó, lá, safado.

(FUNDOS, 2015)

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. O riso e o risível na história do pensamento. Rio Janeiro: Zahar; FGV, 1999.
- ARANTES, P. **O riso dos outros**: há limites quando o assunto é humor. Brasília: TV Câmara 2002. 51':35'' min. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticia>>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BERGSON, H. **O riso**: ensaio sobre a significação do cômico. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da violência**. Brasília: IPEA, 2016.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004,
- FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 8: Os chistes e sua relação com o inconsciente.
- HOBBS, T. **Leviatã**. São Paulo: M. Claret, 2006. (Coleção A Obra Prima de Cada Autor). v. 1.
- KANT, E. **Crítica da razão prática**. 2. ed. São Paulo: Publicações Brasil, 1959.
- LIPPMANN, W. **Public opinion**. New York: Harcourt Brace, 1922.
- LYSARDO-DIAS, D. A construção e a desconstrução de estereótipos pela publicidade brasileira. **Stockholm Review of Latin American Studies**, Stockholm, v. 20, n. 2, p. 1-11, Nov. 2007.
- PLATÃO. **A república**. São Paulo: M. Claret, 2007. (Coleção A Obra Prima de Cada Autor). v. 36.
- PORTA DOS FUNDOS. **Cantada**. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_S92oZVf8w4>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- _____. **O mundo tá chato**. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KP4wBBZRCio>>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- _____. **Piranho**. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-tpSo_Hb4dM&t=24s>.
- Acesso em: 10 jun. 2017.
- POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.
- TAJFEL, H.; ISRAEL, J. (Ed.) **The context of social psychology**: a critical assessment. London: Academic Press, 1972.